



Maestro Alfredo Sigwalt (1915-1994) e a Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste (SCAJHO): contribuições para a história cultural de Joaçaba - SC

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

Luiz Fernando Spessatto
UDESC – luizfernandospessatto@gmail.com

Marcos Tadeu Holler
UDESC - marcosholler@yahoo.com.br

Resumo: No início da década de 1940 foi fundada em Joaçaba (SC) a Sociedade Cultural Musical de Cruzeiro e Herval, que mais tarde, em 1963, se chamaria de Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste (SCAJHO); em 1952 chegou à cidade Alfredo Sigwalt, que seria maestro da SCAJHO até 1994, ano do seu falecimento. Busca-se neste artigo contextualizar o papel morigerador da SCAJHO e da atuação do maestro Alfredo Sigwalt em Joaçaba, como veículo de difusão da música erudita.

Palavras-chave: História da Música em Santa Catarina. Sociedades de Cultura. Alfredo Sigwalt

Maestro Alfredo Sigwalt (1915-1994) and the Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste (SCAJHO): Contributions the Cultural History of Joaçaba - SC

Abstract: In the early 1940's was founded in Joaçaba (SC) the Sociedade Cultural Musical de Cruzeiro e Herval, later in 1963 called Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste (SCAJHO); in 1952 Alfredo Sigwalt came to Joaçaba and was active as conductor of SCAJHO until 1994, the year of his death. This paper contextualizes the role of SCAJHO and the activities of maestro Alfredo Sigwalt in the cultural formation and diffusion of art music in Joaçaba.

Keywords: History of Music in Santa Catarina. Cultural Societies. Alfredo Sigwalt

1. Joaçaba

A colonização de Cruzeiro¹ (Joaçaba) começou final do século XIX e início do século XX, nas terras que até então eram povoadas por índios e caboclos (POLI, 1995 apud GAZZÓLA, 2007: 22); por volta de 1900, concomitantemente à construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, imigrantes de origem alemã e italiana foram conduzidos do Rio Grande do Sul à região por companhias colonizadoras, sobretudo pela Sociedade Territorial Sul Brasileira H.Hacker & Cia e pela Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ghilardi & Cia. Na época difundiam-se ideias ligadas à necessidade de modernizar o Brasil, de efetivamente ocupar o território e de civilizar a população (RADIN, 2006: 8). Para a consolidação de um “novo padrão étnico” nas novas terras catarinenses, seria necessário remover os empecilhos que representavam o passado, favorecer o avanço da civilização, ou, dito de outra forma, promover o branqueamento da população e a difusão do seu suposto modo de trabalhar. Tanto

a burocracia estatal quanto a intelectualidade estavam preocupadas com o mapa social e cultural do país e, por isso, tentavam fazer da imigração um instrumento da “civilização”, que na época tinha o significado de embranquecimento da sociedade (ALENCASTRO; RENAUX, 1997: 294).

A construção da estrada de ferro deu início à Guerra do Contestado (1912-1916) que, após seu desfecho, fragmentou a divisão de terras do oeste catarinense, ocasionando a criação, em 1917, do município de Cruzeiro, que posteriormente (1943) passaria a denominar-se Joaçaba. Nesta cidade do vale do Rio do Peixe iniciou-se na década de 30 a produção de energia elétrica, com a instalação de pequenas barragens e usinas hidroelétricas, o que possibilitou mais oferta de trabalho para a cidade e a dinamização de sua economia. Estava se consolidando a base para o crescimento significativo que viria nas próximas décadas de 40 e 50, quando Joaçaba experimentaria, economicamente, seus anos áureos com a produção do trigo, a fabricação de máquinas para seu cultivo e colheita, os avanços da indústria metal mecânica, a exploração da madeira e a forte interferência política que promoveriam destaque no cenário econômico estadual.

Neste contexto, a convite de um grupo de industriais, chegou a Joaçaba Alfredo Sigwalt (1915-1994) para que promovesse atividades culturais, dentre elas a formação de uma orquestra, empreendimento que deveria aproximar a cidade de um ideário almejado de “cultura elevada”, correlato aos que existiam em outros centros urbanos. Sigwalt instalou-se em Joaçaba em 1952 e foi maestro da SCAJHO por mais de 40 anos, até 1994, ano do seu falecimento. No presente trabalho busca-se contextualizar o papel morigerador da SCAJHO e da atuação do maestro Alfredo Sigwalt na direção artística dessa sociedade em Joaçaba nas décadas de 1940 e 1950, como veículo de difusão da música erudita. A coleta de dados foi feita basicamente a partir da pesquisa em acervos disponíveis na SCAJHO, onde se encontram programas de concerto, registros de ensaios, atas, partituras e arquivos contábeis. Também são relevantes acervos particulares de membros antigos da sociedade e ex-integrantes do grupo, acervos de familiares (filhos e netos), vídeos e gravações de áudio (registros de atividades da Orquestra disponíveis no acervo da SCAJHO) e jornais e periódicos que se encontram parte na SCAJHO e parte na Biblioteca Municipal de Florianópolis, a saber *Correio d'Oeste* (1946-52), *Brasil Post Blumenau* (1951-60), *Cruzeiro do Sul* (1952), *O Cruzeiro* (1936-95), *Caçador* (1961), *O Vale* (1994-1996), *Correio da Lavoura* (1970), *O Estado* (1915-2009) *Gazeta de Notícias* (1971-72), *O Regional* (1967), *Cidadela* (1982), *A Cidade* (1972), *Jornal de Santa Catarina* (1972-89), *Diário d'Oeste* (1972), *A Tribuna*, *Tribuna Livre* (1940) e *Joaçaba Jornal* (1949).

2. Alfredo Sigwalt e a Orquestra da SCAJHO

Natural de Castro-PR, Alfredo Sigwalt realizou seus estudos em São Paulo e Rio de Janeiro, participando como instrumentista e regente em diversos grupos e orquestras dessas capitais, mas desde meados de 1940 encontrava dificuldades para exercer a profissão de músico. Em entrevista ao Jornal *O Estado*, Alfredo Sigwalt comenta sobre as dificuldades que as manifestações artísticas do país enfrentavam naquela década:

Após a II Guerra Mundial, a música erudita sofreu violenta queda, obrigando o fechamento da maioria dos teatros nacionais e, paralelamente, a dissolução da maioria das orquestras sinfônicas, grupos teatrais, etc. A arte, sem dúvida, teve uma queda vertical. A música erudita estava praticamente esquecida no país. (O ESTADO, 10 out.1979).

Em Joaçaba teve oportunidade de trabalhar, mas coube a ele formar a orquestra, reunindo músicos da região que antes pertenciam a outros grupos que também tiveram suas formações dissolvidas não somente em função da crise pós-guerra, mas com as imposições da Campanha de Nacionalização do governo de Getúlio Vargas. Os ensaios desta nova formação de músicos iniciaram-se no mesmo ano da chegada do maestro, 1952, no clube fundado por descendentes germânicos que residiam no município, o clube Deutscher Turn und Sport Verein (Sociedade Esportiva e Recreativa Alemã), mais conhecido como Clube Alemão, local que foi obrigado mais tarde a mudar de nome devido à Campanha de Nacionalização, passando a se chamar Clube Cruzeiro.

Formou-se, inicialmente, um sexteto de cordas que, decorrido algum tempo, foi ampliado para uma pequena orquestra de câmara. Ministrando aulas, o maestro Sigwalt preparou um número crescente de instrumentistas que, passados mais alguns anos, somaram-se aos demais constituindo uma orquestra de concertos. A fim de melhorar e diversificar os programas, tornando-os mais atraentes ao gosto das plateias de origem germânica e italiana, predominantes na região, criou um grupo cênico com solistas vocais e, mais tarde, um corpo de balé. A Fig. 1 mostra a Orquestra com o maestro à frente, à direita o coro e, ao fundo, no palco, o corpo de balé. A partir desta ampliação artística a SCAJHO iniciou uma época de produções mais complexas com trechos de óperas, operetas, balés e bailados. Os convites também aumentaram e as apresentações tornaram-se frequentes na maior parte das comemorações municipais e cidades vizinhas.



Fig. 1 - Orquestra da SCAJHO em apresentação no ano de 1969. Fonte: Acervo SCAJHO

Um grupo de cantores da comunidade luterana, o Círculo de Cantores Harmonia, começou a participar das apresentações da Orquestra e com o tempo, surgiu a ideia de fundir os dois grupos artísticos, que tinham em comum membros e os convites para as mesmas ocasiões. A junção foi concretizada e o grupo adotou o lema “uma cidade vale pela cultura do seu povo”, normalmente presente no rodapé dos programas de concerto, por acreditar que a valorização dos aspectos culturais traduzia o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade (GAZZÓLA, 2007: 36).

Na década de 50 a Orquestra da SCAJHO realizou uma série de concertos em clubes e cinemas, fato que na época repercutiu largamente, pois, além da veterana Orquestra Carlos Gomes de Blumenau e da Harmonia Lyra de Joinville, Joaçaba era a terceira cidade do Estado a possuir tal empreendimento (O VALE, 26 ago. 1994). Neste período, temerosos de uma possível descontinuidade das atividades musicais, muitos dos instrumentistas davam aulas gratuitas a elementos de “vocação”, visando preparar gente nova para uma futura substituição, já que a idade dos componentes, na época, variava dos 45 aos 70 anos (RELATO HISTÓRICO, 1978: 2).

3. O papel morigerador da Orquestra da SCAJHO

O maestro Sigwalt dedicava-se também à atividade de professor, e atuou por mais de 20 anos também como secretário de educação de Joaçaba. Neste período, criou cartilhas de musicalização, grande parte ressaltando a importância do canto orfeônico e contendo orientações sobre a correta maneira de ouvir o repertório clássico, apresentado, por vezes, por ele mesmo nas escolas e exibido em programa semanal apresentado na rádio Herval, o

“Encontro com a SCAJHO”, que informava programações musicais, fazia audições fonográficas comentadas, trazia dicas de músicas, discos, curiosidades sobre a vida dos compositores e orientações sobre os próximos espetáculos da Orquestra, além de divulgar o trabalho da sociedade, reproduzir gravações de sua orquestra e coral, e conquistar novos sócios e simpatizantes para iniciativas culturais. Por meio desse programa, por exemplo, lançou-se uma grande campanha em prol da organização de uma banda municipal, a Banda Musical Carlos Gomes de Joaçaba, fundada em 1970 e em atividade até hoje. Naquele período, o Brasil atravessava um momento de profundas transformações em seus cenários, era a modernidade em efervescência, buscando estabelecer as fronteiras da nação e desta sua chamada “cultura nacional” (PEREIRA, 2014: 88).

A partir da análise dos programas de concerto constatou-se que as apresentações da Orquestra dividiam-se normalmente em 3 partes, sendo a primeira dedicada à música erudita de concerto, instrumental, com obras de Ludwig van Beethoven, Johannes Brahms, Giuseppe Verdi, Richard Wagner, entre outros. Na sequência, com acompanhamento de cantores solistas, canções internacionais de sucesso no momento e, por fim, com coro cênico e orquestra, canções do cancionero popular de compositores como Villa-Lobos, Carlos Gomes e de autoria do próprio Alfredo Sigwalt, sempre com arranjos para orquestra completa. As Figs. 2 e 3 mostram dois programas de apresentações da Orquestra da SCAJHO, no IV Festival de Música Erudita, em 1978, e em um concerto no Clube Recreativo Chapecoense, em 1986.

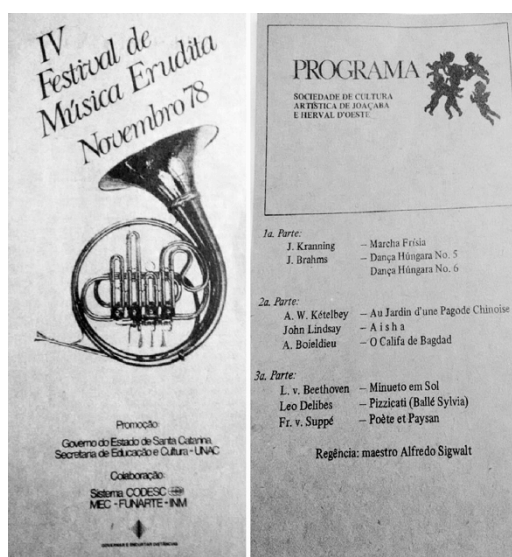


Fig. 2 – Programa de apresentação da Orquestra IV Festival de Música Erudita de SC em 1978. Fonte: Acervo SCAJHO

— S C A J H O —

ORQUESTRA E BEL-CANTO
(202ª apresentação)

CLUBE RECREATIVO CHAPECOENSE
Sábado, 24 de Maio de 1986
20:30 horas

PROGRAMA

1ª PARTE: (Orquestra)
J. Brahms - DANÇA HÚNGARA Nº 6
Leo Delibes - PIZZICATI - Segmento da Suite de Ballé «SILVIA»

2ª PARTE: (Solistas vocais com orquestra)
C.A. Bizio - CANZONE DELL'AMORE - canção lírica
Leda Silva Kerber (sopr.) Olindo Cassol (tenor)
E. di Curtis - TI VOGLIO TANTO BENE - Canção romântica
Vivória Russowski (sopr.)
M. C. Brocey - L'AMOUR EST UN COUQUET DE VIOLETTES - Canção de «La VIOLETERA»
Leda S. Kerber (sopr.) Olindo Cassol (tenor)

3ª PARTE: (Solistas, coro cênico e orquestra)
Pedro Nava (arr.) PEIXE VIVO - canção popular açoriana (coro)
J. Lacalle (arr.) AMAPOLA - canção espanhola
Vivória Russowski (sopr.) Olindo Cassol (tenor)
A. Sigwalt (arr.) CANTA CORAÇÃO - três canções populares (coro)
C. A. Bizio (arr.) VIOLINO CIGANO - canção zingara
Soprano Vivória Russowski e coro
Agostin Lara(arr.) GRANADA - fantasia espanhola
Olindo Cassol (tenor) e coro
A.W. Ketelbe(arr.) MERCADO PERSA - suite oriental (coro)
A. Gutierrez (arr.) ALMA LLANERA - joropo mexicano
(Leda, Cassol, Sedi e Wanderlei)
A. Sigwalt (arr.) SUCESSOS INTERNACIONAIS
(Seleção de trechos de operetas famosas) - solistas e coro

Arranjos e regência: Alfredo Sigwalt (maestro) Apresentador: Antonio Carlos Pereira

Técnico de som: Flávio Thibez

S C A J H O : Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste

PROMOÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ
Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Dpto. Municipal de Cultura
APOIO: Conselho Municipal de Cultura

Fig. 3 – Programa de apresentação da Orquestra da SCAJHO em 1986. Fonte: Acervo SCAJHO

É evidente o intuito morigerador da atuação do maestro na sociedade, ideal que se refletia na escolha do repertório da Orquestra, de forma a desenvolver e amadurecer na sociedade local elementos tidos como positivos na construção e caracterização de um modelo considerado adequado de plateia. Entende-se por morigeração a moderação no modo de viver, a boa educação e bons hábitos. O historiador Magnus Pereira (1996), quando trata da formação de um senso comum, utiliza o conceito de morigeração, que se relaciona à transformação dos indivíduos, atitudes e costumes, e portanto das práticas sociais, econômicas e das manifestações culturais e artísticas, padronizados a uma imitação dos gostos, modismos e hábitos burgueses europeus, ou ainda uma “fabricação” mais apropriada desta nova sociedade, correlata àquelas que existiam nos mais importantes centros do mundo ocidental. De acordo com Anze, “*morigeração cultural* pode ser entendida como a educação/formação do público para a “adequada” fruição da música erudita da música nas salas de concerto, levada à cabo, sobretudo, pela atuação da intelectualidade e pelas *sociedades artísticas*” (ANZE, 2010: 58, grifo nosso).

Anze (2010: 6-7) afirma que o entendimento sobre as entidades responsáveis pela difusão da música – e entre estas, as sociedades civis musicais – abre diversas novas possibilidades de análise histórico-social, pois conjuga com as relações e as dinâmicas de uma determinada coletividade ao mesmo tempo em que as próprias dinâmicas e interações sociais possibilitam o entendimento das opções de difusão da música, além de também oferecerem recursos para a compreensão das suas formas de recepção e da configuração dos tipos diferenciados de público.

4. Considerações finais

Os decretos de lei que acompanharam a Campanha de Nacionalização do governo Getulista dificultaram a perpetuação dos costumes e tradições das comunidades europeias. Fazia-se mais que necessário, naquele instante da história, que a lei fosse cumprida e que os repertórios fossem diversificados para a escuta nacionalizada. Poucas décadas antes, no entanto, as companhias colonizadoras haviam atraído imigrantes europeus para a implantação de um novo padrão étnico, que modernizaria as regiões menos habitadas. Agora, aquele imigrante e seus descendentes precisavam, de certa forma, passar por um processo de “desnacionalização” dos seus países de origem e da aceitação do Brasil como a nova nação, e a música teria papel fundamental nesse processo.

Neste contexto, Alfredo Sigwalt, com a autonomia que lhe foi conferida na escolha do repertório, pôde contemplar os ideais de nacionalização, dos quais possivelmente compartilhava, sem deixar de reproduzir o repertório erudito que serviu de base para sua formação e do qual seguia como ideal de “cultura elevada”.

O presente artigo, no entanto, é parte de pesquisa em andamento, que pretende, além de compreender as relações das atividades da sociedade artística com a sociedade civil, organizar e disponibilizar parte da obra do compositor.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e Modos dos Migrantes e Imigrantes. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 291-335.
- ANZE, Melissa. *Sociedade Pró-Música de Curitiba (SPMC): análise histórico-social da música erudita na capital paranaense (1963-1988)*. 149f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2010.
- GAZZÓLA, Lucivani. *A educação patrimonial na escola: um estudo sobre a percepção dos professores acerca do patrimônio cultural de Joaçaba*. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Oeste de Santa Catarina. Programa de Mestrado em Educação, Joaçaba, 2007.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense (1829-1889)*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- PEREIRA, Tiago. *Pela escuta de Heinz Geyer na “cidade ressoante”: música e Campanha de Nacionalização no cotidiano urbano de Blumenau – SC (1921-1945)* 210p. Dissertação (Mestrado em Música). UDESC. Florianópolis, 2014.
- QUEIROZ, Alexandre Muniz de, et al. (Org.) *Álbum comemorativo do cinquentenário do município de Joaçaba*. Joaçaba: [s.n.], 1967.



RADIN, José Carlos. *Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2006. 210 p.

Jornais

O ESTADO, Florianópolis, 1915-2009.
O VALE, Joaçaba/Caçador, 1994-1996.

Documentos

RELATO HISTÓRICO constante em ofício da SCAJHO à prefeitura Municipal de Joaçaba, Governo de Santa Catarina e Funarte. 1978. Original (provavelmente uma cópia) no acervo da SCAJHO.

¹ Cruzeiro tornou-se município em 1917 e teve esta designação até 1928, quando a Vila, pela lei estadual n. 1608, passou a chamar-se Cruzeiro do Sul. O município, no entanto, manteve o nome original até 1943, quando, pelo Decreto-Lei Estadual n. 238, município e cidade passaram a se denominar Joaçaba. Cf. QUEIROZ, 1967: p.21.